

ARTEVISMO HOJE

Não há dúvidas que vivemos, o Brasil e o mundo, tempos conturbados. Se a crise é a marca da modernidade, e se (referindo-me agora especialmente ao Brasil, nosso campo de ação mais imediata) nunca fomos modernos, lidamos hoje com o estrondo de duas ruínas que se sobrepõem sobre nossas cabeças: a do projeto iluminista, que desde a Metrópole há algumas décadas desaba sobre nós (na imagem da queda das Torres Gêmeas), e da nossa confiança/esperança de oferecer uma alternativa a tal projeto, a civilização do homem cordial. Se um dia (que passou muito rápido) o mundo quis ser o Brasil, sabemos que isso se deu mais devido ao rebaixamento dos valores (estéticos e éticos) da modernidade do que do pleno amadurecimento de nossa antropofagia. Em 2015, quase duas décadas de crescimento econômico e políticas de inclusão social se esvaem em incompetência administrativa, fisiologismo corrupto e patrimonialismo – é o velho Brasil de volta – forçando-nos a lidar com fantasmas do passado e com a violência, o racismo e a intransigência de nossa sociedade.

O que pode criar um artista, nesse contexto? Como, enquanto nenhuma resposta efetiva foi dada as manifestações de junho de 2013, poderíamos usar a força do próprio adversário, ou descobrir novas forças, para desferir, se possível, ainda que mínimo, um golpe certeiro? Muitos dos artistas e ativistas em atividade são capazes de criar intervenções que causam curtos-circuitos na lógica perversa dos dispositivos (que incluem o circuito das artes e seu mercado, o sistema jurídico, penal e educativo, o sistema partidário, etc.) que nos assolam, mas até que ponto ou até que momento essas ações são realmente efetivas? Pois, num mundo que parece ao mesmo tempo se deslocar e se capturar rapidamente, o mesmo posicionamento, o mesmo signo, podem, de acordo com o contexto, o tom e o momento, significarem resistência ou rendição, provocação ou colaboracionismo, liberdade ou traição. A proposta dessa exposição é suscitar uma discussão sobre o Artevismo praticado hoje, principalmente no Rio de Janeiro, suas estratégias e métodos, sua legitimidade e presença nos campos da arte e da política.

Abordando o tema pelo pensamento gerado no campo da teoria da arte, Arthur Danto e Giorgio Agamben, dois importantes filósofos para compreender o nosso tempo, estabeleceram, no final do século XX, a partir da mesma tese hegeliana (do fim da arte), consequências aparentemente distintas, mas complementares. Se, para Danto, a arte teria superado sua condição estética ao se aproximar da filosofia, o segundo apostou no gesto como aquilo em que a arte contemporânea tem seu centro. Gesto e conceito, portanto. Em ambos os casos, a arte escaparia do âmbito da estética em que tinha sido aprisionada desde o surgimento do mundo moderno, para situar-se na esfera da ética e da política. Em última instância, a conclusão de Agamben é a de que o juízo estético nos conduziu a uma espécie de morte espiritual da arte e, nesse sentido, poderíamos afirmar, a partir dele, que todos os artistas do presente, pelo menos aqueles que não caíram num formalismo retórico vazio, se tornaram terroristas (profanadores de dispositivos; ou da maior das religiões, o capitalismo). Assim, a política (no seu sentido mais profundo e originário) seria o verdadeiro campo em que poderíamos pensar a produção artística contemporânea.

Em 1967, Abbie Hoffman, que era um ativista (e não se percebia necessariamente como um artista), ao lado de amigos hippies, cobriu o chão da bolsa de valores de Nova York com notas de dólar. Foi o primeiro grande evento dos muitos que bolou e participou como líder da contracultura americana. Talvez seja interessante partir do ativismo para chegar a arte, e não o contrário; e perguntar até que ponto inserir-se no circuito das artes é potencializar uma força profanadora, e até que ponto é submeter-se a uma captura? Ou seja, como a arte pode transgredir o próprio circuito/dispositivo que a encerra? Questão central, por exemplo, para a Frente 3 de fevereiro, que se define como “grupo transdisciplinar de pesquisa e ação direta acerca do racismo na sociedade brasileira”, mas não como um coletivo de arte. Questão que talvez se torne importante também para as Disk Musa, presentes nesta exposição com vários trabalhos sem ambiguidade e um contundente vídeo, e que por sua vez convidaram Indianara para uma apresentação. Com um pé na arte e outro na militância, parece encontrar-se o trabalho do incansável Alex Frechette, que deixará uma obra permanente na praça da Mesa: um “Diário constitucional” (dois vídeos mostram a infiltração desses trabalhos na mídia). Trabalhando desde dentro do circuito das artes, Rubens Pileggi, com obras que compõem uma exposição intitulada “Enquanto isso o tempo passa” (que a curadoria decidiu contaminar por outros trabalhos, misturando-os em duas salas), e Cecília Cavalieri trazem trabalhos mais metafóricos ou líricos, e, no caso de Cecília, mais elaborados em sua linguagem poética, mas não menos potentes em sua dimensão política.

Renato Rezende